

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se às quintas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros. 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros. \$500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio. \$100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros. . 1\$800 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua 4o Almada, 32 e 34

PARA QUE SERVE UM CURSO



do Chico Valle
1923

—Ah! meu caro amigo. Você tem uma cabeleira que faz a minha inveja. Como arranja você essa risca tão direita?
—Como a arranjo? Diga como a arranjei!... Para fazer riscas direitas, andei cinco annos na faculda de Direito da Universidade de Coimbra.

Outra volta ao monumento

Eça de Queiroz morreu e por tal maneira a sua obra mostrou as suas incompatibilidades de artista e de cidadão com a decadencia e o máo gosto da sociedade do seu tempo que ainda depois de morto elle suscita controversias apaixonadas, como se a sua penna houvesse sobrevivido á mão nervosa que a empunhou.

Assim, não sendo manifestamente possível deixar de reconhecer aos seus leitores e admiradores o direito de erigir em sua memoria o monumento que já agora o está perpetuando, os negadores do seu genio, da sua arte, da sua moral e do seu patriotismo (porque é preciso dizer entre parenthesis que a novella de Queiroz não foi, no ponto de vista patriótico, sufficientemente optimista e passa-culpas), extranham com azedume que uma estatua a Garrett, outra a Camillo, outra a Herculano, outra a Castilho não tenha vindo já dar satisfação ás suas predilecções e restabelecer o imperio da justiça nos domínios do marmore de Carrara, esquecidos contudo — tão grande é a cegueira das humanas paixões! — que ha um meio admirável e simples de dar satisfação á essas predilecções e de restabelecer esse império, o qual *tout bonnement* consiste em erguer estatuas a Camillo, a Herculano, a Garrett, a Castilho, ao que não se oppõem nem a opinião publica, nem os poderes publicos, nem a guarda municipal, nem a policia e ao que, bem ao contrario, o município grato aquiesceria, com pressa, porque na embelleza as cidades como os bellos monumentos, sem falar de que nada melhor do que elles dá melhor idéa do gosto e da cultura das civilisações.

Mas quê? como exclamava esse tão impertinente e irreverente José Maria.

Fez-se o monumento ao Eça e os admiradores de Camillo, Herculano e Garrett e Castilho limitam-se a extranhar, amuados mas inactivos, que se não tenha feito de igual modo um monumento aos outros, como se não fosse sempre opportuno fazel-o, desde que haja, já se vê, quem o queira fazer.

Em Portugal, como em toda a parte, sempre a iniciativa dos monumentos consagrados ás individualidades que não significam patrimonio nacional, partiu dos seus amigos e admiradores. O Estado não tem parcialidades litterarias. Não fica bem á sua

austeridade preferir por exemplo, Paulo de Kock. Por isso, o Estado não intervem nunca em manifestações litterarias, posto ás vezes se associe a ellas, como um velho tutor se associa aos brinquedos innocentes dos seus pupillos, prestando-se simplesmente a vigial-os de longe, com bohomia e condescendencia.

Não competindo, portanto, ao Estado-tutor promover manifestações de gosto litterario como as que se reclamam para Herculano e Garrett e Camillo e Castilho, em quem pretendem delegar esse encargo, visto que não o tomam para si, os amigos e admiradores d'esses illustres homens de letras?

Na opinião publica?

Para que assim fosse, seria necessario que esta verdadeira abstracção estivesse organizada em commissão, com uma meza, um tinteiro, um continuo e um caderno de papel pautado, o que não succede.

A opinião está em toda a parte e não está em parte alguma. Por outro lado, a opinião ella propria não tem capacidade para se pronunciar em questões de gosto litterario. Póde preferir um ministerio, mas não póde genuinamente preferir um livro. Para se erigir com legalidade um monumento em virtude dos sufrágios da opinião seria pelo menos necessario fazer um plebiscito, o que daria em resultado não se fazer o monumento, tão oppostas seriam as indicações de uma tão compacta massa de vontades. — Pediriamos sufrágios para Queiroz e receberiamos votos para o sr. Sousa Monteiro. Pediriamos votos para o sr. Sousa Monteiro e receberiamos sufrágios para o sr. Luiz d'Araujo. A opinião — isto é sabido — não se entende.

O que se faz então?

Faz-se com os homens dignos da nossa admiração o que os governos fazem com os deputados.

A opinião não os elege? — Nomeiam-se.

Faz-se aqui e faz-se em toda a parte. Foi assim que se fez ha pouco o monumento a Maupassant, é assim que acaba de fazer-se o monumento a Monselet, a quem os seus amigos fieis entenderam dever prestar uma homenagem de que a opinião do seu tempo se tinha completamente esquecido.

Querem mais monumentos?

Façam-n'os.

No nosso conceito, esses monumentos não serão senão beneficos.

A França não recusa um monumento seja a quem fór que lhe tenha prestado um ligeiro serviço. Um simples soldado, o sargento Bobillot, das tropas do Tonkím, tendo simplesmente entrado em primeiro logar n'uma

tranchée, e morrido ahi, conquistou direito a um monumento. Com uma palavra dita n'um dia de insurreição, sobre uma barricada de Paris, Baudin conquistou outro.

A França é grata e a gratidão das nações é o mais forte estimulo á solidariedade pelo trabalho e pelo sacrificio.

Nós passamos por ser ingratos, e desde que principiámos a não o querer ser, desatamos a ser disparatados. — Recusamos um monumento a João de Deus e não tivemos pejo de encafiar um génio tão discreto e familiar na grandiloquencia dos Jeronymos.

Não reclamem, pois, monumentos os amigos e admiradores dos que não tiveram ainda a fortuna d'essa consagração — Façam-n'os.

Passou Eça de Queiroz. Passem os outros.

Queiroz tem as costas largas e a rua é de toda a gente.

JOÃO RIMANSO.



Os meus desejos

Quizera ser abelha loira e bella
Para adejar á roda da Joaquina,
Poisar-lhe sobre a bocca pequenina
E tirar o meu mel dos labios d'ella.

Quizera ter navio armado á vela
Para dar um passeio até á China,
E abiscoitar ali uma menina,
Não só de fina loiça, mas donzella.

Trepar quizera da finança aos mestros,
Ser ministro, alto heroe no cambalacho
Que livra esta nação de ter emplastros.

Quizera ter balão e ser muchacho,
Subir á altura d'esses grandes astros
E atirar seis pedradas cá p'ra baixo.



Esperança

O Franco a porfiar que salva a barca,
E o povo a porfiar que o Franco mente;
E neste porfiar constantemente
O barulho que vae excede a marca.

Eu, sem que faça versos á Petrarcha,
Em verso creio nelle piamente;
E chamo ao Ze povinho maldizente
Que na mais vil zurrapa a tripa encharca.

O Franco descobriu a panacéa,
Sabe perfeitamente o nome aos bois,
E traz alapardada insigne idéa.

Em vista d'isto, eu cá, jubilo, pois
A terra descerá do céo Astréa...
E vamos á Tendinha beber dois.



A proposito de Reilhac

A parte da policia registrou um dia d'estes o seguinte caso patusco:

Na Travessa da Peixeira, n.º 50, letra K, mora o Sr. Maldonado, que é empregado na Alfandega, casado, e sem filhos.

Na terça feira, Maldonado e mulher tiraram-se dos seus cuidados, foram jantar ao Vigia, e depois do jantar dirigiram-se para o Theatro da Trindade, onde se representava o *Gato Preto*.

Tinham jantado bem, estavam bem dispostos, riram muito, quando voltaram para casa davam graças a Deus por lhes ter dado uma tarde e uma noite tão bem passadas.

Desapertaram-se, despiram-se, amigo Maldonado deu dois esplendidos arrôtos, sua mulher fez as suas orações, e ambos se metteram regaladamente na cama, apagando a véla, e voltando-se cada um para seu lado, na boa paz do Senhor.

Maldonado amigo pegou logo no somno, mas a madama não foi tão feliz, ou antes foi mais feliz, pois não tardou que ouvisse um pequeno rumôr na cosinha, não podendo attribui-lo ao gato, que estava doente no Instituto, nem a ratos, que os não havia.

Teve um sobresalto, poz-se de ouvido á escuta, e percebeu, com grande susto, que alguém lhes entrara em casa. Sacudiu então o marido, acendeu outra vez a véla, e Maldonado, destemido e em ceroulas, precipitou-se na cosinha, de revolver em punho.

A um canto, entre o pote e a carneiroa, acororado na sombra, estava um homem!

Maldonado apontou-lhe o revolver, e ordenou:

— Levante-se!

O homem hesitou um momento, todo elle tremia como varas verdes, e a custo avançou um passo, em piugas.

Maldonado percorreu-o com a vista e com a véla d'alto a baixo, e já muito disposto a pregar-lhe um pontapé no gasophilaceo, perguntou, engrossando mais a voz:

— A que titulo está você aquí a estas horas, mettido neste canto, seu grande mariola?

O outro titubeou.

Maldonado teimou:

— Diga lá, ande, a que titulo?

E então o gatuno, muito enfiado:

— A titulo de D. Miguel, meu caro amigo e senhor...

**É melhor não lhe bolir**

Disse-me hontem um jornal
Que me empresta o padre cura,
Que a coisa minist'rial
Vae ter mudança... e que a tal
Dará realce á pintura.

Ora, eu bem sei que sou bronco,
Mas capaz de reflectir:
— O mar inda não dá ronco,
A arvore tem bom tronco,
E é melhor não lhe bolir!...

O rei lá da hespanholada
Metteu pé cá no cortiço;
E é idéa desastrada
Dar-lhe mais uma tourada...
Que bem farto anda elle d'isso!

— Você dos ministros gosta? —
Assim perguntei ao Zé,
Papa-sardinha da costa;
E elle me deu a resposta
No pois intão cumié?!

Tivemos eleição mansa,
O Zé foi livre... e, ahhnal,
Dizem os mestres da dança
Que foi pequena a matança
Do carneiro eleitoral!

Eu peço a todos os santos,
De pau, de gêsso, de barro,
Que nos livrem de quebrantos...
Para que marche entre cantos
Quem unta o eixo do carro!

Desde a melhor philarmónica
Ao mais reles fungagá,
Toque uma coisa symphonica,
Que dê que fazer á chronica
Dos jornaes de cá e lá!

**Os «homens bons»**

Numa camara municipal da provincia, um vereador pronunciou-se, em plena sessão camararia, contra o modo por que estava sendo feita a limpeza da cidade, propondo que se anulasse o respectivo contracto de arrematação.

A proposta ficou para ser discutida na sessão seguinte, e, entremettes, o arrematante interessado procurou o vereador e pediu-lhe dois momentos de attenção.



O vereador ouviu-o, ouviu-o, mas não se dava por convencido, teimando que a limpeza estava sendo uma porcaria, e que enquanto elle não lhe apresentasse melhores razões, não se demovia do proposito de fazer votar a proposta.

O outro, bom entendedor, puxou a carteira, e apresentou-lhe uns vinte argumentos de cem mil réis cada um.

— Ah! dizia então o vereador — isso agora sim... Isso agora é outro asseio!

Glossina palpalis

Numa soirée do bairro aristocratico de Buenos-Ayres—como diz o *Illustrado*—as senhoras e as meninas fizeram cerco ao poeta Correia de Oliveira, que se achava entre os convidados, e pediram que lhes recitasse alguma coisa bonita.

Oliveira anediou a melena, puxou os punhos, e começou a dizer, com outro sentimento, á sua fabula das *Môscas*, que é uma pequenina joia.



A um canto da sala, encostado ao piano, o Doutor Pitta, antigo medico da casa, dormia a somno solto. E só no fim accordou, com o barulho das palmas, perguntando a uma velha senhora, que, do outro lado do piano, estivera a dormir tambem, durante a recitação:

— «O que foi isto que elle nos recitou, Senhora D. Clara?»

— «Olhe, doutor, com franqueza, não percebi muito bem; mas pareceu-me ouvir que era uma historia de môscas...»

— «Ah, já sei! dizia o Doutor Pitta, esfregando os olhos.—Devem ser da familia da *glossina palpalis*...»

A *glossina palpalis* é, como se sabe, a môsca que transmite o microbio do somno.

**Crítica medica**

Apreciando um livro de contos do prosador brasileiro Coelho Netto, recentemente publicado, diz um critico:

«Raras vezes se fixam personagens nesses contos... Quanto ás mulheres, apenas ha uma viciosa quasi interessante, mas já tratada...»

... Pelo Doutor Monjardino, no Hospital do Desterra.



GLORIA À HESPANHA

O DIA 20



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Homenagem dos portugueses á nação irmã, por ocasião da visita de Sua Magestade Catholica.

A PARODIA no-Porto

Perfil... suave



Do suave Poeta dos Perfis... suaves

E. R. M.

Eis aqui o dia 20 e a mania de Lisboa agora é procurar casas nos bairros novos.

Lisboa está farta de saguões, de pias e de portas de cancella e os bairros novos fornecem, além dos bons ares, prédios de boa apparencia, o que para Lisboa, cidade d'apparencias, é tudo.

Lisboa é uma cidade plebeia e quer parecer aristocratica.

Lisboa é uma cidade pobre e quer parecer rica.

Os bairros novos plenamente satisfazem estes votos — Os bairros novos tem um ar nobre e tem um ar cupulento. As construcções, é certo, não são bellas — são mesmo hediondas, sem solidez, sem gosto, sem commodidade e sem mysterio.

Mas não importa! As ruas são largas, os sobrados novos, as casas estucadas de fresco e as escadas — suprema distincção! — tem porta-voz e porteiro.

Lisboa renega a Baixa, atrai-se aos terceiros e aos quartos andares dos novos bairros e entra com ousadia no regimen dos duzentos mil réis.

Dentro em pouco a Baixa pertencerá exclusivamente aos logistas e uma nova cidade povoará o que outrora eram os arredores.

Mais — ó desespero da Civilisação imprevidente! — a nova cidade morrerá de fome e não terá quem lhe concerte umas botas, quem lhe venda um botão, quem lhe passe a ferro umas calças, quem lhe engomme uma camisa, ou simplesmente quem a encomende para bem morrer, porque precisamente a Civilisação tendo-se lembrado, ao construir as novas casas, de tudo ou quasi tudo o que poderia fazer a commodidade dos seus futuros inquilinos, completamente se esqueceu de a surtir, installando os merceiros, os padeiros, os leiteiros, os sapateiros, os confeiteiros, os boticarios, os droguistas, os alfayates, as capellistas, os cangalheiros, ao mesmo tempo que installava os canos de gaz e os canos da agua, as casas de banho, os *water-closet* e os porteiros.

Tal é pelo menos a angustiosa comunicação que nos faz um residente d'esses bairros elegantes mas remotos, pedindo-nos que nos tornemos echo junto dos modernos proprietarios, dos appellos desesperados d'esses verdadeiros naufragos que são os habitantes da Cidade Nova.

A comunicação a que nos referimos vem assim datada: *Jangada da Medusa, 15 de novembro.*

Um galoplín e um santo

A Rua do Valle de Santo Antonio vae mudar de nome.

Neste sentido foi dirigida á Camara Municipal um requerimento, em que se enaltecem os meritos do cidadão, cujo nome os supplicantes, moradores naquelle tão popular e populoso bairro, indicam para substituir o do *sympathico* santo, nas esquinas da velha rua.

O nome indigitado é o do Sr. Sousa Cavalheiro.

Não vêmos motivo para semelhante mudança.

Póde o Sr. Sousa Cavalheiro ter todos os meritos que os seus visinhos queiram attribuir-lhe: nunca poderá ter mais do que teve Santo Antonio.

E se o Sr. Sousa é Cavalheiro, tambem Santo Antonio se prezava muito de o ser!



S. Martinho

O bom S. Martinho
Chegou com as pipas,
Regalo das tripas,
Do Zé padecente:
Quem sofre essas maguas
Chamadas de estucha,
Só ri quando chucha
O pae da aguardente!

O Rei das Hespanhas
Vem cá ao cortiço;
Pois eu gosto d'isso,
'Stou muito contente.
E juro sauda-lo
Nas trovas cá minhas,
Comendo sardinhas
E a dar-lhe p'ra a frente!

Quem bebe com gana,
Assim como os brutos,
Não teme os tributos
Em quarto crescente:
Eu cá sou um d'esses,
Jámais fui arisco.
Dou tudo p'ra o fisco,
Bellissima gente!

Detesto a politica
De cor forte ou frouxa;
A minha é a róxa,
Porque essa não mente.
E, visto que o Bacho
É irmão do Martinho,
Não falte bom vinho,
E é dar-lhe p'ra a frente!

VENANCIO



Um drama á hora

No Suisso, depois dos espectaculos:

— «Vens do theatro?»

— «Venho. Do Principe Real...»

— «E o que se representava?»

O outro, olhando o relógio da gate:

— «Representava-se o *Anjo da meia noite* e tres quartos.»

Um ataque de furia do réclame

Leu-se no *Diario de Noticias* :

«São de fino gosto as toilettes que a genil actriz Lucilia Simões apresenta na *Magda*. Entre ellas, porém, ha uma que merece especial menção: e é aquella que a genil artista traça no 2.º acto, bordada a prata em alto relevo, trabalho primoroso da distincta bordadora D. Cecilia de Sousa, com atelier na Rua do Ouro. Segundo nos consta, a rica toilette custou 300.000 réis.»

E' de suppôr que se leia agora noutros jornaes :

«A verdade manda que se diga que não só as toilettes da actriz Lucilia Simões na representação da *Magda* merecem especial menção. E igualmente o merecem as barbas com que o actor Augusto Rosa entra naquella peça, e que são trabalho primoroso do habil cabelleireiro Fulano de Tal. Ainda não se sabe ao certo quanto custaram, mas não são obra p'ra menos de 4 a 5.000 réis...»

Baralha

Os visinhos dos cossacos
Com seus azeites estão ;
E, visto que não são fracos,
Receio de vêr em cacos
Toda a loiça do Japão.

A Russia tem bons recursos,
Em grandes náos se baloça;
E não chegam meus discursos
A perceber como de urfos
Não foge a gente da loiça !

Quando o fero deus Mavorte
Da guerra levanta o grito,
Nem o fraco teme a morte,
Pois que o leão é bem forte,
E já fugiu do mosquito !

Mas, o gentes do rabicho,
Aos russos percam a saúha
Que me parece um capricho ;
Venham vêr no luso nicho
As festas ao Rei de Hespanha !

O' russos, deixae os valles
Onde a neve é de rigor ;
Vinde ouvir tocar tymbales
Na terra onde o não te rales
Medra ao pé da lei do amor !

A cortesia pelo systems metrico

Os tenores e os barytonos voltam outra vez.

Já hontem dizia um jornal :

«Tivemos o prazer de abraçar o nosso compatriota e tenor Gaspar do Nascimento, que teve a gentileza de vir a esta redação apresentar o seu cumprimento...»

A'manhã dirá Mendonça e Costa na sua alegre gazeta :

«Tambem nós tivemos o gosto de estreitar nos braços o nosso patricio e barytono Chico Redondo, que teve a amabilidade de vir a esta redação apresentar a sua largura!»

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de Novembro de 1903, os comboios n.º 53 e 54, «SUD-EXPRESS», entre Lisboa-Paris, circularão na linha da Companhia Real, nos seguintes dias :

Comboio n.º 53, LISBOA-PARIS, partida de Lisboa R. ás segundas e quintas feiras.

Comboio n.º 54, PARIS-LISBOA, chegada a Lisboa R. nas noites de Domingo, p'ra segundas e quartas para quintas feiras.

Lisboa, 20 de outubro de 1903

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Ouivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
concertos



FLORINDO

Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

Callista

pedicuro



JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 48, 1.º
(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callosos
desencravarmento de unhas
pelos mais modernos processos
até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que vi-
sitar este consultorio para se
certificar dos verdadeiros
milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde



POR 600 REIS

Ser photographo!

Apparelho completo com necessários, livro explicativo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogo e illustrações. Cabeas para a encadernação d'ad Parodia, 1.º, 2.º e 3.º anno. Emposite 200 réis.

ALVES & FERREIRA
220, Rua Augusta, 222

GASTON PIEL

Callista effectivo da Casa Real

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

ENCADERNAÇÃO

Simplex e de luxo, cartonagens, dotrados em fitas para cobros e em toda a quantidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições.

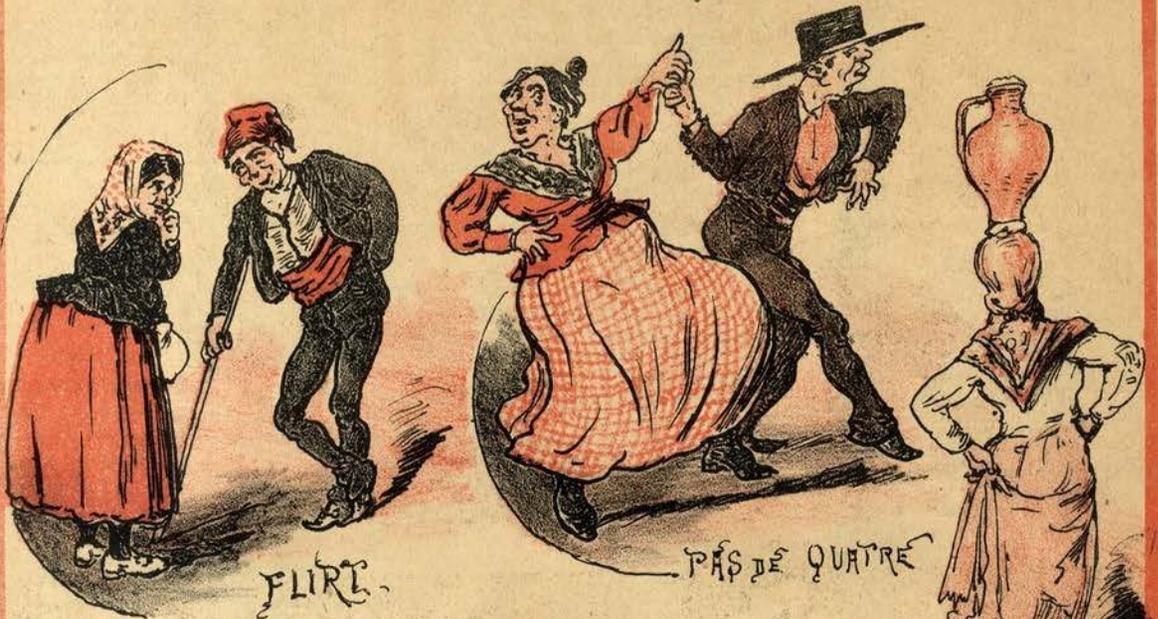
Paulino Ferreira
126, Rua Nova da Trindade, 132

Reminiscencia da Exposição
Agrícola do palacio de Chrys-
tal do Porto.



O milho rotativo de Eduardo d'Abreu.

A influencia do dandysmo na vida rural



O que ellas deixaram



e o que ellas trouxeram.

ORA VAE TU. ORA VAE TU.
ORA VAE VAE
RAPHAEL BORNALLO PINHEIRO